

Colonato do Limpopo-1

Tempo (593) 28/2/82
p. 26-27

A primeira coisa que chamava a atenção a quem chegasse na então Aldeia do Guijá, lá para 1958, era que os colonos falavam um português difícil de se entender. Era o português cantante do alentejano, o português arrastado do açoriano e do madeirense, o português de sílabas brucas do minhoto, o português grave do transmontano. Por mim, durante bom tempo, tive bastante dificuldade em entendê-lo.

Depois, para quem viesse de Lourenço Marques onde os colonos eram reis e senhores com todas as pompas exteriores, outra coisa que chamava a atenção eram os meninos brancos descalços a correrem atrás dos bois guiando-os para as pastagens ou para o tanque carracida do Posto Agrícola do Vale do Limpopo. Depois eram as juntas de bois a puxarem uma carroça onde toda uma família de colonos se empoleirava, ora conversando em voz alta, ora cantando, ora viajando num profundo silêncio pensativo com o ar cortado apenas pelo chocalhar do gonzo preso ao pescoço dos bois. Mais: colonos de bicicleta, colonos atrás da charrua, colonos a abrir e a fechar valas de rega, colonos a pescar no canal que vai da Barragem ao Chibuto, colonos a atra-

vancar o batelão para o outro lado do rio Limpopo, onde está uma pequena vila que hoje se chama Guijá e que nesses tempos se chamava Caniçado.

Este ambiente humano, esta autêntica ilha do colonialismo português, era algo que ficava inesquecível para quem chegasse ao Colonato do Limpopo pela primeira vez. Mais tarde viria a descobrir que eram quilómetros e quilómetros de aldeias, com nomes, tais como, Vila de Sagres, Aldeia da Barragem, Aldeia do Lionde, Aldeia da Madragoa, Aldeia de Santarém, Nova Madeira, etc. etc. Estes colonos tinham todos uma particularidade curiosa: não se diziam portugueses, salvo em raríssimas ocasiões. Ou se consideravam «brancos» ou minhotos, alentejanos, açorianos, madeirenses, etc. com uma força e veemência que por vezes me perguntou se aquilo não seria uma outra forma de tribalismo. Aliás, assisti a algumas rixas de rua entre colonos de origens diferentes.

Quando a Aldeia do Guijá mudou de nome e passou a chamar-se Vila Trigo de Moraes no início da década de sessenta, algo tinha mudado já: a principal rua, a Avenida das Laranjeiras, estava alcatroada; alguns dos colonos que

conhecera já andavam de carro e muitos jovens haviam abandonado as machambas para emigrarem para Lourenço Marques e alguns para a África do Sul. No colonato instalara-se todo um ar de novos ricos, de gostos espampanantes.

Mas, apesar desta prosperidade geral, era infalível uma nova «injecção» de novos colonos que chegavam com ar assustadiço, tímidos, atravancando com malas e demais bagagens as carruagens dos CFM.

Sempre que chegava uma nova leva de colonos havia novidades e anedotas que percorriam as povoações onde vivia a população que para contrastar com os colonos chamarei de «indígena». É que a então Aldeia do Guijá era um importante ponto de chegada ou trânsito de mineiros, os magaiças. Na verdade o mineiro moçambicano ao chegar tinha um ar mais digno do que qualquer dos colonos que chegavam. Vinham rotos (principalmente os açorianos que foram evacuados devido à actividade de um vulcão nos anos 58-59).

Esses homens e mulheres com as suas crianças subalimentadas desembarcavam assim como se diz atrás: tímidos. Mas ao fim de umas semanas sofriam uma mudança radical. O mesmo colono que à chegada tratava qualquer mainato que encontrasse na rua por «senhor» umas semanas depois tratava o funcionário negro da administração por «ó preto» quando não dizia mesmo «ó macaco». O mesmo colono que quando chegava não sabia que havia loja especial para

ele (o estabelecimento principal denominado «Botelho & Irmão, Lda. — Comércio Geral — tinha uma parte para negros e outra parte brancos) já não se enganava na porta, já não pedia licença, já não pedia nada por favor. Porquê? A comissão constituída pelas esposas de altos funcionários da Administração e da Brigada Técnica do Vale do Limpopo coadjuvada pelo padre da paróquia e pelas irmãs de caridade encarre-

gava-se de lhes ensinar algumas «regras de conduta»... e eles aprendiam bem a lição tanto mais porque lhes bastava copiar o comportamento demonstrado pelos mais antigos. E porque de facto exageravam nesta prova de «assimilação» não são poucos os casos em que um colono foi soado por algum ofendido e não são poucos ainda os casos em que o colono se serviu da espingarda para aca-

bar com a discussão com um ~~mo-~~ cambicano.

Aos colonos, mal chegavam, era-lhes distribuído uma parcela de terra com irrigação, uma junta de bois, uma carroça, uma casa de alvenaria com celeiro e um curral. Era-lhes aberto crédito para adquirirem os géneros alimentícios. Todas as dívidas que fizessem só começavam a amortizá-las ao fim da primeira colheita (após a venda sempre garantida). Essa amortização incluía a habitação, a junta de bois, a carroça, etc.

Trabalhavam estes colonos? Bem, não se pode dizer que não. De madrugada era logo ouvir o gonzo dos bois a fazer tlim-tlim e frequentes vezes uma voz a cantar. Ao anoitecer de novo o tlim-tlim, desta vez em sentido contrário. Os que tinham bicicleta passavam pelas picadas com grandes pedaladas, muito curvados sobre o volante com uma enxada pendurada ao ombro.

Ao falar da enxada, charrua, carroças pode-se supor que no colonato havia apenas os antepassados da máquina. Não. A Brigada Técnica no Vale do Limpopo era um colosso de maquinaria. «Caterpillars», «Fergusons» e «Fords», abriam picadas, consertavam picadas, desmatavam, lavravam, semeavam, limpavam os canais e estavam sempre operacionais graças ao trabalho de mecânicos assistidos por técnicos. Se uma pessoa calhasse com uma coluna de máquinas pesadas que saíssem das oficinas da Brigada (como era simplesmente conhecida) em direcção a algum local para início de obras o espectáculo era impressionante pela figura majestosa que aquelas máquinas tinham.

Mas o espaço neste número é pouco e muito há para dizer sobre o Colonato do Limpopo. Noutros números outros dados desta revoada de recordações serão prestados tanto mais não seja para se conhecer um pouco do passado desse gigante que hoje preocupa toda a gente e que ora desperta, ora tropeça no dizer das crónicas. Porque, para quem não o saiba, estou a falar do passado do CAIL, um passado que importa conhecer.

Albino Magaia

